

ONDE ESTÃO OS PROFESSORES ESTAGIÁRIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL? UM ESTUDO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL EM SÃO FRANCISCO DO CONDE/BA¹

Ezinábia Ana Faustino Manuel²

RESUMO

A presente pesquisa de conclusão de curso tem como objeto de estudo os pedagogos professores estagiários e como objetivo geral investigar a percepção de docentes sobre a docência de estagiários na Educação Infantil, em uma escola de São Francisco do Conde/BA. A metodologia de abordagem qualitativa exploratória utilizou como técnica de coleta de informações, a entrevista semiestruturada aplicada com cinco professoras que atuam na Educação Infantil. As entrevistas abordaram a percepção das professoras sobre a presença de estagiários, especialmente do sexo masculino, na educação infantil. Os resultados revelam a importância atribuída pelas entrevistadas aos estágios na formação dos profissionais da educação, bem como os desafios enfrentados, como resistências por parte das famílias e da sociedade, em relação à presença masculina na docência nesta etapa de escolarização. As professoras reconhecem a necessidade de políticas educacionais que promovam a diversidade de gênero e o diálogo entre universidade e escola. Além disso, destacam a importância da formação contínua dos profissionais para garantir uma Educação Infantil mais inclusiva e de qualidade.

Palavras-chave: estagiários (Educação) - São Francisco do Conde (BA); professores de educação infantil - São Francisco do Conde (BA).

ABSTRACT

This final course research has as its object of study the intern teachers and as its general objective to investigate the perception of teachers about the teaching of interns in Early Childhood Education, in a school in São Francisco do Conde/BA. The exploratory qualitative approach methodology used as a data collection technique, the semi-structured interview applied to five teachers who work in Early Childhood Education. The interviews addressed the teachers' perception about the presence of interns, especially male ones, in Early Childhood Education. The results reveal the importance attributed by the interviewees to internships in the training of education professionals, as well as the challenges faced, such as resistance from families and society, in relation to the presence of men in teaching at this stage of schooling. The teachers recognize the need for educational policies that promote gender diversity and dialogue between universities and schools. In addition, they highlight the importance of continuous training of professionals to ensure a more inclusive and quality Early Childhood Education.

Keywords: early childhood education teachers - São Francisco do Conde (BA); trainees (Education) - São Francisco do Conde (BA).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campos dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Carla Verônica Albuquerque Almeida.

² Graduanda em Pedagogia pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da educação brasileira, a docência na Educação Infantil se configurou como um espaço majoritariamente ocupado por mulheres, em detrimento da presença de professores homens para atuarem no segmento da creche e pré-escola, uma vez que “[...] gera certo estranhamento, insegurança e medo na comunidade” (Favaro; Rossi, 2020, p. 529). Nesse sentido, e frente ao cenário da diversidade, as discussões sobre a presença masculina na Educação Infantil têm sido cada vez mais frequentes no campo da escolarização das crianças pequenas, assim como a inserção de professores pedagogos na docência nestes espaços.

Diante desta constatação, emerge a presente pesquisa de conclusão de curso de Licenciatura em Pedagogia, cujo interesse decorre da minha experiência pessoal com os meus filhos, estudantes de instituições brasileiras de Educação Infantil: uma localizada no interior da Bahia e outra situada no interior de Santa Catarina. Tanto na creche quanto na pré-escola, notei a presença massiva de docentes mulheres, não apenas nas áreas administrativas, mas também nas salas de aula e em outros setores das instituições.

Como mulher africana de origem angolana, vim para o Brasil por meio do ingresso na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), com o objetivo de dar prosseguimento aos meus estudos, e nesse contexto, passei a frequentar a ter contato com a creche por quatro anos, período em que conduzia os meus filhos à escola. Assim, passei a observar que na escola situada no município de São Francisco do Conde/BA, onde o meu filho mais velho estudava, existia apenas um profissional do sexo masculino trabalhando na portaria, recebendo gentilmente as crianças, funcionários e famílias. Algum tempo depois, passei seis meses em Santa Catarina, no município de Ipirá e matriculei o meu segundo filho, na época com um ano de idade, em uma creche, e pude constatar que a ausência e escassez de professores na Educação Infantil não era exclusiva da cidade de São Francisco do Conde, mas também de outros espaços que ofertam esta modalidade da educação básica.

Inquieta com esta constatação e imaginando ser uma questão recente, busquei paralelamente, participar de debates acadêmicos e não acadêmicos, ao tempo em que realizava leituras relacionadas ao tema, percebendo para a minha surpresa, que já existiam vários artigos e pesquisas realizadas ou em andamento, acerca do tema.

Um dos artigos intitulado "Professores homens na Educação Infantil: aceitação e receio dos familiares que vivenciam essa experiência" (Gonçalves; Capristo; Ferreira, 2015), apresentava reflexões sobre os receios das famílias em relação aos cuidados de professores homens na Educação Infantil. Outro artigo que me chamou a atenção foi "Representações sociais de famílias sobre a atuação de homens professores com crianças de Educação Infantil" (Gonçalves; Farias, 2020), que discorre sobre as representações sociais de familiares de crianças matriculadas em instituições de educação infantil no município de Naviraí/MS, em relação à presença de homens atuando como professores. O estudo aborda os receios e percepções das famílias acerca do tema, com vistas a construir determinados pontos de vista para pensar sobre o tema. Além disso, o artigo "Homens na docência da Educação Infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças" (Santos, 2021) analisam os modos como as crianças atribuem sentidos à presença de um professor homem na educação infantil. O quadro teórico-metodológico articula os novos estudos da infância e os estudos de gênero, servindo como base conceitual de uma etnografia realizada em uma instituição de educação infantil de Belo Horizonte.

Cabe salientar que os referidos estudos se entrelaçam ao discutirem sobre a 'falta' de professores na docência, trazendo um debate de gênero para a Educação Infantil, a perspectiva da família e as opiniões das crianças sobre ter um professor do sexo masculino como educador. Para Cardoso (2007, p. 96), "[...] um professor homem trabalhar na educação de crianças é percebido como algo que não está dentro dos 'padrões de normalidade', ou seja, está 'fora do lugar' [...] por isso que muitas vezes eles passam pelo olhar vigilante de outros profissionais, especialmente no segmento da Educação Infantil".

As reflexões até aqui apresentadas, motivam a questão investigativa desta pesquisa que se constitui em: qual a percepção de um grupo de professoras que atua em uma escola no município de São Francisco do Conde, sobre a docência de professores estagiários homens na Educação Infantil?

Com vistas a responder ao questionamento proposto, o objetivo geral é investigar a percepção de docentes sobre a docência de estagiários na Educação Infantil, em uma escola de São Francisco do Conde/BA. E como objetivos específicos definimos: a) Verificar a percepção dos docentes sobre a importância de estagiários homens na Educação Infantil; b) Identificar as percepções das docentes sobre as mudanças nas dinâmicas da educação infantil considerando a presença de estágios homens estagiários; c) Levantar as percepções das

docentes sobre os principais desafios ao integrar estagiários homens na rotina da educação infantil.

A pesquisa tem como linha de desenvolvimento a abordagem qualitativa, a qual segundo Lüdke e André (1996), supõe o contato direto do/da pesquisador/a com o ambiente, as pessoas e a situação que está sendo investigada; no caso específico deste estudo, o contato da autora da pesquisa com a escola e a entrevista semiestruturada aplicada com professoras que atuam em uma escola municipal de Educação Infantil, em São Francisco do Conde/BA, sobre a percepção das mesmas sobre a docência de pedagogos professores com crianças pequenas.

A pesquisa está estruturada em cinco seções, sendo a primeira esta introdução, na qual apresentamos um panorama geral sobre a temática do estudo. Na segunda seção, discorremos sobre algumas considerações acerca da formação de pedagogas e pedagogos, destacando as especificidades para a Educação Infantil. O lugar que ocupa o/a pedagogo/a professor/a na Educação Infantil é discutido na terceira seção, considerando a docência de pedagogos nesta etapa da escolarização, os estereótipos impostos e as possíveis contribuições, tomando como referência o estágio supervisionado com crianças pequenas. O percurso metodológico do estudo é apresentado na quarta seção com a abordagem metodológica, o lócus do estudo e as professoras participantes. Na quinta seção, apresentamos a análise dos resultados a partir das entrevistas aplicadas com as docentes que atuam na escola, lócus da investigação. Nas considerações finais são apresentados os resultados da pesquisa, os desafios e possíveis contribuições aos contextos social, educacional e acadêmico.

A pesquisa revela sua importância por abordar um tema relevante que tem sido centro de várias discussões, e se juntará a outros estudos semelhantes, sendo referência para futuros/as pesquisadores/as interessados/as em compreender essa discussão em suas diferentes nuances e complexidade no cenário educacional e na sociedade de maneira geral.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE PEDAGOGAS E PEDAGOGOS

O curso de Pedagogia tem um papel fundamental na formação de profissionais para atuar em diferentes contextos educacionais e não educacionais. De acordo com Lucindo e Ribeiro (2019), é preciso que os pedagogos em formação possam expandir as suas compreensões de atuação e entender que os mesmos podem atuar além dos espaços escolares

do ensino. E nesse sentido, precisam acompanhar as dinâmicas do mercado, com vistas a possível inserção em espaços educacionais em que poderão atuar.

Segundo Durkheim (2014), a pedagogia emerge como uma disciplina autônoma, preocupada em compreender os processos educativos e em formar profissionais capazes de atuar como mediadores entre o conhecimento e os sujeitos em formação. Essa visão inicial ressalta a importância da formação de pedagogas e pedagogos que possam compreender e agir sobre as realidades educacionais de forma crítica e reflexiva.

Ao situar o percurso histórico da Pedagogia, Cambi (1999) afirma que o seu surgimento, a princípio, constituiu-se como um saber fechado, passando a um saber plural e aberto, redimensionando a sua identidade no percurso da segunda metade do século XX com vistas a acompanhar as novas demandas culturais e técnicas da sociedade contemporânea. Ao longo do tempo, o curso de Pedagogia passou por transformações significativas, refletindo as mudanças sociais, políticas e educacionais.

[...] Pedagogia é um saber em transformação, em crise e em crescimento, atravessando por várias tensões, por desafios novos e novas tarefas, por instâncias de radicalização, de autocritica, de desmascaramento de algumas – ou de muitas – de suas “engrenagens” ou estruturas. É um saber que se reexamina, que revê sua própria identidade, que se reprograma e se reconstrói (Cambi, 1999, p. 641).

Nesse sentido, e para enfrentar os desafios de se adaptar às demandas de uma sociedade em constante transformação, a Resolução CNE/CP 1/2006 institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Licenciatura em Pedagogia, e estabelece no Art. 4º que a atuação do/da pedagogo/a deve se desenvolver em espaços formais/escolares, como também em contextos não escolares:

I- planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;
II- planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;
III- produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares (Brasil, Resolução CNE/CP 1/2006, p. 2).

Cabe salientar que o documento reforça no Art. 2º, a docência como base para a formação do/da pedagogo/a, “[...] na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos” (Brasil, Resolução CNE/CP 1/2006, p. 1).

É essencial que a formação em Pedagogia contemple um olhar mais amplo, crítico e reflexivo sobre as políticas e diretrizes que orientam a prática educativa e que proporcione uma sólida base de conhecimentos em áreas como psicologia do desenvolvimento, teorias da aprendizagem e metodologias de ensino. Uma formação voltada para as suas especificidades e que promova a aprendizagem dos sujeitos em suas diferentes etapas. Para Oliveira-Formosinho (2009), os cursos de Pedagogia devem promover uma formação que respeite e valorize as diferentes culturas, saberes e experiências das crianças, contribuindo assim para uma prática pedagógica mais inclusiva e democrática.

Freire (2013) ressalta a importância de uma educação libertadora, que estimule a autonomia e a criticidade das crianças desde os primeiros anos de vida. Nesse sentido, é fundamental que os/as futuros/as pedagogos/as estejam preparados para atuarem como agentes de transformação social, promovendo uma educação comprometida com a justiça social e a equidade.

No que se refere a formação do/a pedagogo/a para atuar na Educação Infantil, Kishimoto (2005) enfatiza a necessidade de uma formação que valorize a compreensão da infância como uma fase específica do desenvolvimento e da interação na aprendizagem das crianças pequenas. Que contemple uma visão ampliada de educação, que vá além dos muros da escola, considere o papel da família e da comunidade no processo educativo e promova, segundo Kramer (2006), o diálogo e a parceria entre os diversos atores envolvidos na educação das crianças, buscando uma atuação mais integrada e contextualizada.

É importante também que o curso de Pedagogia prepare os futuros profissionais para trabalhar com a diversidade presente na Educação Infantil, seja ela cultural, étnico-racial, linguística ou de necessidades especiais. Para tanto, é necessário que desenvolvam uma postura sensível, respeitosa e acolhedora em relação às diferenças, promovendo uma educação inclusiva e equitativa. Além disso, a formação para a Educação Infantil deve contemplar uma abordagem centrada na criança, que valorize o seu protagonismo e a sua participação ativa no processo de aprendizagem. Ferreiro (1999), salienta que é fundamental que os futuros pedagogos compreendam a importância de proporcionar às crianças espaços e oportunidades para explorarem, experimentarem e construir seus conhecimentos de forma autônoma e significativa.

Ao destacar a importância de uma formação que estimule a reflexão sobre as práticas educativas e pedagógicas, promovendo uma postura investigativa e crítica por parte dos/as futuros/as pedagogos/as, Hoffmann (1998) chama a atenção que é fundamental planejar,

executar e avaliar atividades adequadas às necessidades e características das crianças pequenas para uma atuação eficaz na Educação Infantil.

É importante destacar que a formação de pedagogas e pedagogos para a Educação Infantil não se encerra com a conclusão do curso de Pedagogia. Pelo contrário, trata-se de um processo contínuo e dinâmico, que demanda uma atualização constante frente às novas demandas e desafios da prática educativa. Nesse sentido, é fundamental que as instituições de ensino ofereçam oportunidades de formação continuada e de aperfeiçoamento profissional, que além dos aspectos pedagógicos e curriculares, contemple a dimensão ética e política, garantindo assim uma atuação qualificada e comprometida com a qualidade da educação em suas diferentes etapas.

3 QUE LUGAR OCUPA O PEDAGOGO PROFESSOR EM FORMAÇÃO, NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LEI 9394/96 estabelece a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica no Brasil, levando assim em consideração os seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Cabe salientar que o advento da referida lei assegurou um avanço significativo a educação das crianças pequenas, uma vez que historicamente foi marcado por uma perspectiva assistencialista, onde o cuidado e a instrução dessas crianças eram atribuídos principalmente às famílias e, em algumas culturas, às instituições religiosas. Posteriormente, com o desenvolvimento das teorias pedagógicas e as mudanças socioculturais, surgiram iniciativas direcionadas à educação das crianças em idade pré-escolar.

O questionamento sobre "Quem ensina na Educação Infantil?" levanta uma série de reflexões acerca dos aspectos históricos e constituição dessa etapa fundamental da educação, focando na predominância de mulheres como educadoras nesse contexto, tendo em conta a historiografia e a participação constante das mulheres neste segmento de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Didonet (2001) destaca que historicamente, as mulheres têm desempenhado um papel preponderante na Educação Infantil, frequentemente atuando como professoras em creches e escolas maternas. Isso reflete não apenas a valorização do cuidado materno, mas também as expectativas de gênero estabelecidas pela sociedade. Vale ressaltar

que, mesmo com essa predominância feminina, a valorização profissional e a formação específica para as educadoras nem sempre foram priorizadas.

Ao longo do século XX, especialmente a partir das décadas de 1960 e 1970, houve um movimento significativo em direção à profissionalização e ao reconhecimento do trabalho das educadoras de Educação Infantil. Nesse contexto, emergiram discussões acerca da formação específica para essa área, da importância do brincar como fundamento da aprendizagem infantil e da necessidade de políticas públicas voltadas para essa etapa da educação.

O debate sobre a presença predominante de mulheres na Educação Infantil e suas implicações, é pontuado por Silva (2017) ao argumentar que essa predominância pode estar relacionada à associação cultural entre mulheres e cuidado, o que reforça estereótipos de gênero e desigualdades na profissão docente. A autora enfatiza a importância de desconstruir esses estereótipos e promover uma valorização do trabalho de educadoras e educadores, bem como a necessidade de políticas que promovam a equidade de gênero, ressaltando a importância de fortalecer e valorizar a formação profissional para esta área, garantindo condições dignas de trabalho e reconhecimento social.

A imagem marginalizada dos homens na Educação Infantil remonta a concepções arraigadas de gênero presentes na sociedade, conforme destacado por Junqueira (2014), ao afirmar que desde o século XIX, as mulheres foram associadas ao cuidado e à educação das crianças, enquanto os homens eram destinados a atividades consideradas mais "masculinas". Esta divisão de papéis se refletiu na educação, relegando os homens a um segundo plano nesse campo.

O lugar ocupado pelo Professor Pedagogo na Educação Infantil é um tema relevante e complexo, especialmente quando se considera a histórica marginalização dos homens nesse campo educacional. Ao longo dos anos, a presença masculina na Educação Infantil foi escassa e por vezes inexistente, sendo as mulheres predominantemente responsáveis pelo cuidado e ensino das crianças pequenas, como já afirmamos neste estudo.

A percepção da sociedade em relação aos homens que atuam na Educação Infantil é um aspecto relevante a considerar. Estereótipos de gênero e preconceitos ainda persistem, muitas vezes associando a presença masculina nesse ambiente à suspeita de intenções inadequadas ou à falta de habilidades para lidar com crianças pequenas. Conforme apontado por Crociari e Perez (2019), a presença de homens na Educação Infantil muitas vezes é questionada e desencorajada, tanto pela comunidade escolar quanto pela sociedade em geral.

Diante da complexidade da questão, cabe indagarmos: Que lugar ocupa o pedagogo professor estagiário na Educação Infantil?

O Estágio Supervisionado tem lugar de destaque no processo formativo e educativo à carreira profissional da/o licenciada/o, respaldado pela Lei 11.788 de 25 de setembro de 2008, a qual assevera que o estágio tem o objetivo de preparar profissionalmente os/as futuros/as professores e professoras, conforme disposto no artigo a seguir:

Art. 2º O estágio poderá ser obrigatório ou não-obrigatório, conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso.

§ 1º Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma.

É importante ressaltar que de acordo com a referida Lei, o estágio é “[...] um ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo do estudante” (Brasil, 2008). É por meio do Estágio Supervisionado que o/a futuro/a professor/a tem uma aproximação com a realidade em que atuará, sendo possível através da observação e da prática, vivenciar atividades em campo, podendo se identificar, ou não. É, também, no estágio curricular que nós, estudantes de pedagogia, aguçaremos o senso crítico no que se refere às teorias. Momento de colocar em prática o que aprendemos e verificarmos os resultados, tirando, assim, nossas concepções.

A teoria é a bagagem que temos, é o que nos norteia e o que nos leva a analisar e investigar, é o nosso ponto de partida. Nóvoa (2002) destaca a necessidade de uma formação que integre teoria e prática, preparando os futuros pedagogos para lidarem com a complexidade e diversidade. A articulação entre conhecimentos acadêmicos e experiências práticas é essencial para uma formação que dialogue com as demandas reais da profissão.

Pimenta e Lima (2012, p. 33), afirmam que a teoria e a prática devem ser trabalhadas uma paralela a outra, pois se a teoria e a prática forem trabalhadas separadamente, pode “[...] gerar equívocos graves nos processos de formação profissional. A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática”. É pensando nesta necessidade da prática e da teoria que cada profissão requer ter habilidades e conhecimento nessas duas esferas, e que os estágios somam de forma valiosa para a formação no curso de pedagogia.

No que se refere a Educação Infantil, Gatti (2009) pontua que a inserção em estágios supervisionados e o contato com a realidade educativa são fundamentais para que os/as futuros/as pedagogos/as desenvolvam habilidades de observação, escuta e intervenção

pedagógica com as crianças desde o início do curso, para uma atuação qualificada nesta etapa de ensino.

Ao pensarmos no lugar ocupado pelo Professor Pedagogo mesmo quando estagiário na Educação Infantil, a questão torna-se complexa e vai além da mera presença física de homens nesse ambiente. É um desafio que demanda ações coordenadas em diferentes níveis, desde a desconstrução de estereótipos de gênero até a implementação de políticas públicas inclusivas e eficazes, visando promover uma educação mais igualitária e enriquecedora para todas as crianças.

Cabe salientar que a marginalização dos homens na Educação Infantil não apenas reflete estereótipos de gênero arraigados na sociedade, mas também pode impactar negativamente o desenvolvimento das crianças. Conforme Santos (2021), a diversidade de gênero no ambiente escolar pode enriquecer a experiência educacional das crianças, promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva das relações interpessoais.

No que diz respeito às políticas públicas educacionais, há uma necessidade premente de medidas que promovam a inclusão e valorização dos homens na Educação Infantil. No entanto, dados indicam que muitas políticas ainda não abordam adequadamente essa questão. De acordo com De Oliveira (2022), as políticas de formação e os programas de incentivo à Educação Infantil geralmente não contemplam estratégias específicas para atrair e capacitar homens para atuar nesse campo.

Robledo-Castro et al (2019) argumentam que, embora algumas iniciativas tenham sido implementadas para promover a diversidade de gênero na Educação Infantil, muitas vezes as políticas públicas carecem de recursos adequados e de uma abordagem sistêmica e integrada. Além disso, a falta de sensibilização e capacitação dos profissionais da educação também pode ser um obstáculo para a efetivação dessas políticas.

Por outro lado, é importante reconhecer que existem experiências bem-sucedidas de homens atuando na Educação Infantil, que podem servir como referência e inspiração para futuras ações. Ainda conforme destacado por Robledo-Castro et al (2019), programas de mentoria, apoio institucional e incentivos financeiros podem ser eficazes para atrair e manter homens qualificados nesse campo, contribuindo para uma representação mais equitativa de gênero no ambiente escolar.

As discussões acerca desta temática foram palco do Seminário sobre *A Presença masculina no curso de Pedagogia e nos espaços de Educação Infantil: desafios à prática docente*, realizado pelo subprojeto de Pedagogia - PIBID, UNILAB\Malês em 2023, no qual

foi destacada a importância da diversidade de gênero e a formação de profissionais para atuarem na educação infantil.

Durante o seminário os professores palestrantes e outras pessoas convidadas traziam relatos de algumas falas preconceituosas, às vezes equivocadas, tanto dentro, como fora da academia: “o curso de pedagogia não é para homem”, “o homem não sabe cuidar”, “o homem na sua maioria é o agressor”, “não tem paciência com crianças”, “tem medo de crianças”. Tais expressões carregam estereótipos preconceituosos, os quais reforçam lugares determinantes que designam atividades específicas para a atuação do pedagogo professor na Educação infantil, como: lecionar educação física, língua estrangeira, arte ou música, justificado pelo pouco tempo e menos contato físico que esse profissional terá com a crianças no espaço escolar.

Apesar das desconfianças e desafios enfrentados por profissionais homens neste segmento da educação, os palestrantes contam que a presença de professores pedagogos nestes espaços, as vezes acaba sendo importante para algumas crianças que não têm essa referência em casa. E que em sua maioria a troca de afeto é de forma recíproca e que o estranhamento da presença dos professores dentro da sala de aula não vem por parte de uma criança, isso ‘passa pela cabeça’ da sociedade adulta.

Para Santos (2021, p. 1) “[...] não basta inserir homens na docência com crianças como forma de produzir uma política de equidade de gênero. Para combater os preconceitos baseados em diferenças de gênero, é preciso que todos/as se reconheçam como parte deste processo de transformação social, hoje com todas as lutas associadas ao gênero é necessário questionar porque os homens não estão nestes espaços”.

Diante desse panorama, é crucial promover a desconstrução de estereótipos de gênero e a valorização da diversidade na Educação Infantil. Políticas públicas que incentivem a formação e inserção de homens nesse seguimento de ensino, bem como campanhas de conscientização sobre a importância da presença masculina na educação das crianças pequenas, são fundamentais para promover uma educação mais equitativa e inclusiva.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Para desenvolver a pesquisa intitulada Onde estão os professores estagiários na educação infantil? um estudo em uma escola municipal em São Francisco do Conde/BA, foi

adotada a metodologia qualitativa, uma vez que “[...] responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 1994, 2000).

O percurso metodológico seguiu uma sequência, a partir do problema de pesquisa: Qual a percepção de um grupo de professoras que atua em uma escola no município de São Francisco do Conde, sobre a docência de professores estagiários homens na Educação Infantil?, tomando como referência os estudantes que estagiam na Educação Infantil em uma escola municipal em São Francisco do Conde/BA, seguido por uma revisão da literatura que embasou teoricamente o estudo e entrevistas semiestruturadas, aplicadas com cinco professoras que atuam neste seguimento da Educação Básica, com vistas a coletar dados sobre a suas percepções sobre a presença de estagiários (homens) na educação infantil.

A aplicação do roteiro de entrevista ocorreu de forma online, por meio de plataformas de formulários digitais da plataforma Google, o que proporcionou flexibilidade e facilidade de participação das docentes. As questões elaboradas buscaram apreender: a importância da presença de estagiários/as na Educação Infantil; a percepção sobre a participação de estagiários (homens) como regentes na Educação Infantil; a dinâmica da Educação Infantil, considerando a presença de professores (homens) como estagiários; os principais desafios enfrentados ao integrar professores estagiários (homens) à rotina escolar da Educação Infantil; a receptividade das crianças à presença de professores estagiários na sala de aula; 6. Qual a sua percepção sobre a intervenção de estudantes estagiários (homens) frente aos cuidados específicos (emocional, físico) com as crianças pequenas; impacto da presença dos professores estagiários no aprendizado e desenvolvimento das crianças; expectativas dos pais ou responsáveis e da comunidade em relação à presença de professores estagiários na Educação Infantil.

Após a realização das entrevistas, procedemos a transcrição e os dados foram analisados e discutidos, com o suporte da literatura pertinente ao tema. Por fim, foram oferecidas recomendações para futuras pesquisas e intervenções práticas na área da educação infantil, especialmente no que diz respeito à inclusão de profissionais do sexo masculino. É importante ressaltar que, ao participarem da pesquisa, as docentes concordaram com o termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando a divulgação dos dados, desde que mantido o anonimato das colaboradoras do estudo.

4.1 O LÓCUS DA INVESTIGAÇÃO

A instituição lócus da pesquisa está situada no município de São Francisco do Conde – no Recôncavo Baiano e guarda um grande patrimônio do Brasil colonial. Segundo dados do IBGE (2022), sua população é de 38.773 habitantes, ocupando uma área territorial de 269,715 km². Em 2021, o PIB per capita da região foi registrado em 321.810,96 reais. O município se localiza em uma área na qual ainda se preserva reservas de Mata Atlântica e riquíssimos manguezais, contribuindo para a biodiversidade da região.

A diversidade de etnias que contribuíram para a construção de São Francisco do Conde culturalmente está presente no cotidiano da cidade. Os Tupinambás e os Caetés Negros deixaram de legado, entre outras coisas, uma rica gastronomia. A habilidade com a pesca e a técnica das mulheres marisqueiras também surgiram com os primeiros habitantes da região. O município possui uma história riquíssima e que se confunde com a história do Brasil. A cidade é única e consegue reunir história, cultura e a tranquilidade típica do Recôncavo Baiano em um só lugar. Ao longo de sua história administrativa, São Francisco do Conde passou por várias mudanças de denominação e divisões territoriais. No presente, o município é composto por três distritos principais: São Francisco do Conde (sede), Mataripe e Monte Recôncavo³.

É neste cenário que está situada a escola investigada, a qual funciona no período diurno e atende ao público da Educação Infantil, atualmente com mais de 198 crianças. Suas instalações incluem uma sala de direção, uma sala de coordenação pedagógica, uma secretaria, seis salas de aula, seis banheiros, uma biblioteca, um almoxarifado, uma cozinha e um parque.

No que diz respeito aos aspectos profissionais e pedagógicos, a escola possui uma equipe composta por mais de 30 funcionárias. Entre elas destacam-se uma diretora, duas vice-diretoras e uma secretária, todas trabalhando sob contrato. Além disso, a equipe possui mais de sete professoras, incluindo uma docente na área de educação física e uma de Atendimento Educacional Especializado (AEE), todas elas contratadas por meio de concurso público.

Na sala de aula, a escola conta com mais de cinco agentes de apoio e sete agentes de inclusão, todos com vínculos contratuais, além de uma psicopedagoga. Em relação aos funcionários terceirizados, a escola emprega mais de 5 colaboradores, que desempenham funções que vão desde a limpeza até a preparação da alimentação, incluindo as merendeiras e dois porteiros.

³ Informações constantes na página da Prefeitura de São Francisco do Conde. Disponível em: <https://saofranciscodoconde.ba.gov.br/cidade/historia/> . Acesso em 22/04/2024.

Vale destacar também que o campo da pesquisa foi escolhido devido à proximidade e ao contato prévio que eu já tinha com ela. Meus dois filhos frequentaram essa escola e eu também participei do programa de bolsa de iniciação à docência lá. Pensei que, se fui bem recebida nas outras vezes, poderia realizar a pesquisa na mesma escola onde já tenho esse vínculo. No entanto, ao explicar minha intenção para a direção da escola, descobri que a maioria das professoras que trabalharam com os professores estagiários já tinham se aposentado. Então, trabalhamos com algumas das professoras atuais que tiveram estagiários em suas turmas e incluímos também duas professoras que não tiveram, para obter uma perspectiva diferente. A escolha das professoras foi feita com a ajuda da diretora da escola, tendo em conta o conhecimento dela sobre quais eram as docentes que já havia trabalhado com estagiários homens e quais não.

4.2 AS PARTICIPANTES DO ESTUDO

No estudo em questão, cinco professoras participaram ativamente, todas elas com vínculo efetivo na rede municipal. Dessas cinco, quatro estão em sala de aula e uma assume o papel de diretora geral. Todas possuem graduação universitária completa em licenciatura e trazem consigo uma vasta experiência no ensino, com períodos de atuação na Educação Infantil variando entre cinco e vinte anos. No entanto, nenhuma das entrevistadas mencionou possuir uma pós-graduação ou estar atualmente cursando uma. Dito isso, entre elas, três tiveram experiência trabalhando com professores estagiários, enquanto duas não tiveram essa oportunidade, conforme indicado no quadro abaixo.

Quadro 1 – Perfil das docentes

Identificação	Idade	Sexo	Licenciatura	Tempo de docência	Tempo de docência na Educação Infantil	Trabalhou com professor Estagiário?
AN	De 30 a 41	F	Não	Mais de 8 anos	Mais de 8 anos	Sim
TS	De 59 a 70	F	Sim	Mais de 20 anos	Mais de 10 anos	Não
MB	De 30 a 41	F	Sim	Mais de 10 anos	Mais de 4 anos	Não
RP	De 42 a 59	F	Sim	Mais de 9 anos	Mais de 9 anos	Sim
VC	De 42 a 59	F	Sim	Mais de 10 anos	Mais de 10 anos	Sim

Fonte: elaborado pela autora da pesquisa com base nos dados fornecidos pelas participantes.

A escola XXX na qual as professoras colaboradoras deste estudo atuam é uma instituição bem conceituada no município de São Francisco do Conde/BA e recebe muitos estudantes dos estágios supervisionados, dos diversos cursos da UNILAB/BA, incluindo o de Licenciatura em Pedagogia. Respeitando o anonimato das docentes participantes da pesquisa, elas serão identificadas por um conjunto de duas letras escolhidas aleatoriamente. A escolha dessas letras não seguiu nenhuma ordem específica na escola, mas foi feita de maneira que permita o controle e a organização dos dados.

5 PERCEPÇÃO DE DOCENTES SOBRE PEDAGOGOS PROFESSORES ATUANDO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A formação docente tem sido palco de diversos debates ao longo dos anos e no que se refere à formação inicial, o diálogo entre a universidade e a educação básica é fundamental para subsidiar conhecimentos e experiências que preparem a/o futura/o docente para a atuação profissional. Neste contexto, o Estágio Supervisionado também forma e possibilita a/a futura/o pedagoga/o a experiência por meio do seu primeiro contato com o ‘chão da escola’ no espaço da educação infantil. De acordo com Corsino (2007, p. 58):

Somos nós que mediamos as relações das crianças com os elementos da natureza e da cultura, ao disponibilizarmos materiais, ao promovermos situações que abram caminhos, provoquem trocas e descobertas, incluam cuidados e afetos, favoreçam a expressão por meio de diferentes linguagens, articulem as diferentes áreas do conhecimento e se fundamentem nos princípios éticos, políticos e estéticos, conforme estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN).

As orientações propostas pelo documento supracitado, revelam a necessidade de um planejamento de ações e atividades significativas e desafiadoras, voltadas para motivar o desenvolvimento das crianças, ampliando as suas experiências e práticas socioculturais. Nesse contexto, as vivências experienciadas no período de estágio, aliadas aos conhecimentos teóricos, são fundamentais a formação da/do futura/o pedagoga/o. O que é confirmado pelas professoras ao se referirem a importância da presença de estagiárias e estagiários na Educação Infantil:

O estágio permite aos estagiários conhecer aquilo que irão enfrentar na sua profissão e refletir sobre o exercício docente. Conhecer mais um pouco sobre a área de formação (Professora M.B).

É de grande relevância na formação desses profissionais. Acredito ser muito necessário, no qual eles farão a ligação entre a teoria e a prática (Professora R.P).

Para contribuir com a formação profissional (Professora V.C).

Percebemos que as professoras reconhecem a importância dos estágios na formação de cada estagiária/o e o quanto este momento é significativo para a futura carreira profissional, uma vez que os estágios supervisionados aproximam as/os estudantes não só do ‘chão da escola’ mas com todo o contexto escolar em que estão inseridos. As professoras ainda ressaltam como é relevante conciliar a teoria com a prática, posto que esta articulação possibilitará a melhor compreensão sobre a dinâmica da escola em seus aspectos educativos e pedagógicos, com vistas a “[...] lançar mão adequadamente das técnicas conforme as diversas e diferentes situações em que o ensino ocorre, o que necessariamente implica a criação de novas técnicas” (Pimenta; Lima, 2012, p. 39).

É importante destacar que os estágios supervisionados são obrigatórios para a Licenciatura em Pedagogia, sendo notável a sua importância na formação das/dos futuras/os profissionais docentes. Entretanto, é perceptível uma possível resistência quando se trata da presença de estagiários do sexo masculino no ambiente escolar da Educação Infantil, pois “[...] praticamente não existe homens atuando por ser ainda um espaço predominantemente ocupado por mulheres e isto deve-se ao preconceito de muitas famílias em ver seus filhos e filhas serem instruídos/as por homens nesta etapa de ensino” (Gonçalves, Capristo e Ferreira, 2015, p. 137).

Diante disso, ao questionarmos as professoras sobre sua *percepção em relação à participação de estagiários (homens) nas atividades específicas de cuidado (emocional, físico) com as crianças pequenas*, obtivemos as seguintes respostas:

Vejo o homem na educação infantil, como um profissional respeitoso e que deve fazer parte do ciclo da escola da infância (Professora N.A).

Ainda precisa ser trabalhado, para que se perceba a importância desses profissionais (Professora T.S).

Para mim não passa de questão social, onde a mulher sempre teve o papel de cuidar da criança e o homem de prover. O mesmo cuidado e respeito que a professora deve ter com seus alunos os professores homens devem ter também. A sociedade já avançou bastante em várias questões em relação à luta feminina para conseguir obter seu lugar pela sua competência, mas ainda é muito visível que há muito o que avançar. Por que o homem não pode cuidar da criança? Pode sim. A formação desse profissional deve prepará-lo para isso (Professora M.B).

As professoras apresentam uma variedade de perspectivas sobre a presença dos homens na educação infantil, considerando o cuidado das crianças. Em relação a esse assunto, a maioria concorda, no seu ponto de vista não há impedimento para que o estagiário se responsabilize pelos cuidados das crianças, pois o que está sendo avaliado é sua formação profissional. Elas enfatizam a importância da inclusão respeitosa dos profissionais do sexo masculino e a necessidade de conscientização sobre sua relevância. Notamos que as docentes criticam as normas sociais de gênero que tradicionalmente atribuem o cuidado às mulheres, defendendo a igualdade de tratamento e oportunidades para ambos os sexos.

Compreendemos também nas falas das professoras (T.S e M.B) o reconhecimento dos avanços na luta pela igualdade de gênero, mas ressaltam a necessidade de preparação adequada dos profissionais masculinos para o cuidado infantil, destacando a importância da formação neste sentido. Essas perspectivas contribuem para um debate amplo sobre a diversidade de gênero na educação e suas implicações para o desenvolvimento das crianças. Este processo tem sido historicamente marcado pela ausência quase total de homens atuando nesses espaços educacionais. Gonçalves, Capristo e Ferreira (2015), pontuam que ao longo da história, as mulheres, ao contrário dos homens, geralmente ocuparam o papel de cuidado e educação das crianças. No entanto, essas representações sociais estão passando por uma significativa revolução nos últimos anos.

Ainda sobre a formação e a presença de estagiários do sexo masculino nos ambientes da Educação Infantil, no que diz respeito à *participação como professores regentes nesta etapa de escolarização*, as professoras responderam:

A presença masculina na educação infantil é muito importante e necessária, para que haja a representatividade para as crianças do sexo masculino. Assim, as crianças podem se ver nesse lugar de educador também (Professora N.A).

Importante também a presença masculina nesse universo infantil, ainda estamos em construção mas...as contratações são valiosas (Professora T.S).

Orientar as crianças durante ao uso dos utensílios, brinquedos e objetos, de forma segura e adequada. Zelar pela segurança e o bem-estar das crianças. Auxiliar nas atividades realizadas em sala (Professora M.B).

Para mim, por toda luta feminista, esta atuação de homens na educação infantil é mais um ganho nesta luta. Esse lugar, que só mulher poderia ser professora de educação infantil, é sem cabimento, é fortalecer que só a mulher tem obrigação com seus filhos e o homem não está incluído neste cenário. O homem tem tanta capacidade/habilidade e competência para estar em ambientes onde antes só colocavam as mulheres, não porque as mulheres eram melhores ou para engrandecer a mulher perante a sociedade, mas por se tratar de trabalho que só "cabia" a ela fazê-lo (Professora R.P).

Contribui com a quebra de paradigmas impostos (Professora V.C).

As falas revelam uma progressão de ideias coesas e coerentes sobre a presença masculina na aplicação da regência na Educação Infantil. As professoras destacam a importância da representatividade masculina, permitindo que as crianças se identifiquem também com educadores do sexo masculino. Para que desde cedo se reconhece o valor nas contratações de professores homens. A professora (M.B) aborda aspectos práticos da atuação dos professores, como a segurança das crianças e a assistência nas atividades em sala, demonstrando a importância direta e responsável dos professores neste contexto.

Já a docente (R.P) faz uma contextualização da presença masculina na educação infantil no âmbito do movimento feminista, argumentando que essa inclusão é um avanço na luta pela igualdade de gênero, contrapondo a ideia de que apenas mulheres devem ocupar esse espaço. Tal afirmação é corroborada pela professora (V.C) ao destacar que a presença masculina contribui para a quebra de paradigmas impostos, reforçando a importância da diversidade de gênero na desconstrução de estereótipos.

Notamos a preocupação da professora (M.B) acerca do cuidado com as atitudes e atividades, aspectos essenciais ao trabalho com as crianças. Segundo Nono (2011, p. 1) “O dia a dia das creches e pré-escolas é repleto de atividades organizadas por educadores que, de uma maneira ou de outra, lidam com o espaço e o tempo a todo o momento”, permitindo às crianças desenvolverem um senso crítico, a partir das dinâmicas realizadas em sala de aula, estabelecendo uma ligação com o contexto de cada criança. Situação que proporciona uma maior aproximação e identificação das crianças, com as dinâmicas desenvolvidas e automaticamente uma ligação com o/a docente.

Sobre a *aceitação dos professores estagiários na Educação Infantil*, as professoras declaram que é perceptível que há uma certa resistência por parte de algumas famílias e da sociedade. No entanto, afirmam que também estão ocorrendo mudanças, mesmo que em número reduzido, e fazem referência ao crescimento do número de estagiários (homens), que desenvolvem a regência com as crianças. Nesse contexto, procuramos saber *como descreveriam a dinâmica da Educação Infantil na cidade de São Francisco do Conde (BA), considerando a presença de professores estagiários do sexo masculino*, as professoras responderam:

São Francisco do Conde é o único lugar que conheço, onde existe a presença masculina tão significativa (em números) no contexto da educação infantil. Isso se dá, devido a presença dos estudantes africanos da UNILAB, pois no Brasil a Pedagogia ainda sofre com o machismo estrutural. A presença do homem na escola das Infâncias é fundamental, promissora e inclusiva (Professora N.A).

Ainda são poucos homens na regência da educação infantil do município, mas com base nos estagiários que passaram pela escola Monteiro Lobato já se pode observar a grandeza das contribuições ofertadas (Professora T.S).

Oferecer uma aprendizagem boa e de qualidade (Professora M.B).

A dinâmica é tranquila, as crianças aceitam bem a presença de homens no ambiente escolar, não identifico nenhum tipo de empecilho (Professora R.P).

Quanto a recepção e aceitação dos estagiários homens na escola, eles sempre são bem vindos e levamos em consideração o desempenho deles nas atividades (Professora V.C).

No contexto da Rede Municipal de Educação em São Francisco do Conde, as docentes expressam distintas visões sobre a presença dos professores estagiários na Educação Infantil. A professora (N.A) destaca a singularidade do município, onde a presença masculina é mais notável devido aos estudantes africanos da UNILAB, contrastando com o cenário nacional de machismo estrutural na Pedagogia. (T.S) observa a escassez de homens na regência da Educação Infantil, mas reconhece as contribuições significativas dos estagiários que passaram pela escola.

Já a professora (M.B), ao falar sobre uma aprendizagem de qualidade, enfatiza a importância do compromisso pedagógico independentemente do gênero. Por sua vez, a professora (R.P) descreve uma dinâmica tranquila na qual as crianças aceitam bem a presença masculina, não identificando empecilhos significativos. A Professora (V.C) destaca a recepção positiva e a consideração pelo desempenho dos estagiários homens na escola. Essas diferentes perspectivas refletem uma análise multifacetada da presença masculina na Educação Infantil em São Francisco do Conde, tendo em conta o número de estudantes homens inscritos no curso de Pedagogia da Unilab/BA, desde o seu surgimento aqui no município.

Partindo de uma perspectiva institucional, considerando o aumento do número de estudantes do sexo masculino no curso de Licenciatura em Pedagogia, e inserção nas escolas campo por meio do estágio supervisionado de regência na Educação Infantil, questionamos as professoras sobre *como elas avaliam o suporte institucional para integrar os professores estagiários na rotina escolar*. As respostas foram as seguintes:

Precisamos avançar e muito, pois o próprio sistema de Educação Infantil não traz propostas formativas que ampliem e tragam mais os homens educadores para os espaços das crianças pequenas, bem pequenas e bebês (Professora N.A).

Positivo, com muita responsabilidade e dedicação (Professora T.S).

Na minha escola, é muito bom. Inclusive diminui bastante o "constrangimento" perante a família. A escola conversando e estando aberta para esses profissionais já é meio caminho andado (Professora R.P).

É evidente que cada docente tem sua própria opinião sobre o apoio institucional dado aos professores estagiários. A professora (N.A) critica o sistema educacional, especialmente no contexto da Educação Infantil, por não desenvolver propostas de políticas públicas que incentivem a presença de mais professores homens em sala de aula, permitindo que também escolham essa área como sua carreira futura. A perspectiva da professora (N.A) contrasta com as opiniões das professoras (T.S) e (R.P), que destacam o apoio considerável da instituição aos professores estagiários, evidenciando uma postura aberta ao diálogo que tem contribuído para reduzir os desconfortos das famílias com a presença de professores do sexo masculino em sala de aula.

De todo modo, não podemos perder de vista o que diz Santos (2021, p.1): “[...] não basta inserir homens na docência com crianças como forma de produzir uma política de equidade de gênero. Para combater os preconceitos baseados em diferenças de gênero, é preciso que todos/as se reconheçam,” como parte deste processo de transformação social, hoje com todas as lutas associadas ao gênero é necessário questionar porque os homens não estão nestes espaços.

Compreendemos que os estereótipos e preconceitos aos professores homens que assumem a regência em espaços da Educação Infantil devem ser desconstruídos, frente aos padrões de gênero, com vistas a permitir às crianças vivenciarem múltiplas experiências sem as barreiras da normatização tão presentes nas instituições. A vista disto, e sobre *quais são os principais desafios enfrentados pelos pedagogos estagiários ao serem integrados ao ambiente da Educação Infantil*, as professoras responderam:

O maior desafio é a aceitação das famílias (Professora N.A).

A família e também colegas de trabalho (Professora T.S).

A não aceitação da família (Professora M.B).

O desafio é a sociedade compreender que o profissional tendo a formação adequada e competência para exercer a função não há distinção entre homem e mulher (Professora R.P).

Observamos que as professoras compartilham da mesma ideia quando questionadas sobre o maior desafio enfrentado pelo professor estagiário ao lecionar na Educação Infantil. Todas elas compreendem que o principal obstáculo é a não aceitação das famílias e da

sociedade em geral. A professora (R.P) destaca que isso ocorre devido à falta de compreensão ou reconhecimento desses profissionais como competentes e habilitados para desempenhar suas funções conforme sua formação.

A família se caracteriza como o meio social do primeiro contato da criança e esta tem procurado selecionar padrões que possam garantir a continuidade dos cuidados e formação dos seus pequenos, levando em consideração vários fatores e confrontada com os inúmeros casos de violações. Diante das diferentes situações, indagamos às *professoras quais são as expectativas dos responsáveis e da comunidade ao verem professores estagiários na educação infantil*; obtendo como respostas:

A princípio, as famílias apresentam resistência e inquietação, mas tudo que uma conversa e formação com elas não possam amenizar os percalços (Professora N.A).

Angustiante para muitas famílias a presença de um homem na sala de aula (Professora M.B).

Existe um tabu, um preconceito em relação a isso, que de fato vem da sociedade, por achar que o papel de estar com crianças pequenas é feminino. Mas as crianças gostam muito (Professora R.P).

Essa divisão de papéis contribui para o tabu e o preconceito mencionados pela Professora (R.P), que aponta para uma visão tradicional em que o cuidado das crianças só é atribuído às mulheres. As falas das professoras também podem ser interpretadas à luz das mudanças sociais em curso.

À medida que as famílias evoluem e novas configurações familiares surgem, como famílias monoparentais ou famílias homoafetivas, as concepções sobre papéis de gênero na educação podem se tornar mais flexíveis. No entanto, como mencionado pela Professora (M.B), a presença de um homem na sala de aula ainda pode gerar angústia para algumas famílias, evidenciando a persistência de padrões de gênero arraigados.

Por outro lado, a Professora (N.A) destaca a importância da comunicação e da formação para lidar com as resistências das famílias. Isso ressalta a necessidade de um diálogo contínuo entre escola, famílias e comunidade para promover uma compreensão mais ampla sobre as habilidades e competências dos professores estagiários, independentemente do gênero.

No entanto, quando questionadas sobre *como percebem a receptividade das crianças à presença de professores estagiários na sala de aula*, as docentes responderam de formas distintas, mas nenhuma se contradizendo. Vale ressaltar que na percepção da professora

(N.A), “as crianças se sentem acolhidas e incluídas no processo educacional, onde os meninos podem encontrar seus pares nos espaços onde se tem majoritariamente mulheres desenvolvendo práticas com elas”. Já a professora (T.S) argumentou “no início observam, em seguida ficam felizes e interagem com tranquilidade”.

Entre as respostas, a que mais chamou a minha atenção foi a exposta pela professora (R.P): “as crianças respeitam e não fazem distinção, na verdade os adultos que complicam com tantos tabus” Nesse contexto, fica evidente que as crianças neste ambiente não tendem a rejeitar os educadores com base no gênero. Segundo as professoras, as crianças são bastante receptivas, embora possa haver um período inicial de estranhamento. No entanto, as famílias não percebem essa presença de forma tranquila.

De acordo com Brasil (1997) a discussão sobre tabus, preconceitos, estereótipos e violências originadas na sociedade, nas famílias e nas instituições é fundamental no processo educacional, para a compreensão das razões destes marginalizarem sobre a presença dos homens neste ambiente de ensino. Pois esses debates, ajudam os professores estagiários e as famílias a entenderem as teorias e a terem consciência dos impactos negativos desses fenômenos na formação biopsicossocial dos indivíduos. Dessa forma, eles podem desenvolver atitudes coerentes com a formação cidadã necessária.

Na sequência, as docentes foram perguntadas sobre *a avaliação da presença dos estágios no ambiente da educação infantil*, neste momento a Professora T.S respondeu o seguinte “vale ressaltar a dedicação e postura dos estagiários, tiveram uma contribuição super positiva”, quem também deu uma resposta a essa pergunta foi a professora N.A argumentando o seguinte “os homens podem ensinar da mesma maneira que as professoras mulheres, acredito que não haja diferença quando se tem compromisso”.

A professora R.P enfatizou que avaliar um profissional para atuar na educação infantil vai além de simplesmente considerar aspectos positivos ou negativos. Segundo ela, é crucial que esse profissional esteja devidamente preparado para trabalhar nesse ambiente. Nas suas próprias palavras, ela mencionou o seguinte:

O impacto é positivo se esse profissional na sua formação adquiriu competência e habilidade para atuar nesta área. Por isso o estágio é importante, nele o professor fará uma ponte ligando as teorias estudadas na faculdade e a prática de sala de aula, podendo criar suas metodologias a partir da sua própria experiência, claro, sempre aprimorando com mais estudos e mais práticas, porque a educação é isso, o professor vive em constante formação (Professora R.P).

Essas falas refletem diferentes aspectos do ambiente educacional e das interações entre alunos, professores e estagiários, destacando a importância da inclusão, da presença de modelos masculinos, do papel dos estagiários, da naturalidade das crianças em lidar com a diversidade e da criação de um ambiente amoroso e respeitoso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de mais, é importante retomarmos a pergunta de partida que deu origem a esta pesquisa, a mesma é: qual a percepção de um grupo de professoras que atua em uma escola no município de São Francisco do Conde, sobre a docência de professores estagiários homens na Educação Infantil? A partir deste questionamento é possível afirmar que as hipóteses desta pesquisa foram confirmadas, entretanto é relevante também expressar, que o grupo de docentes entrevistadas não representam a opinião de todas as docentes da instituição e que se provavelmente outras docente da mesma escola fossem entrevistadas chegaríamos a resultados diferentes.

No entanto, é evidente o reconhecimento da importância dos estágios na formação dos futuros profissionais da educação feito pelas docentes durante as entrevistas. As professoras destacam que esses momentos proporcionam uma ponte entre a teoria aprendida na universidade e a prática vivenciada no ambiente escolar. Isso demonstra a consciência das docentes sobre a necessidade de uma formação prática e contextualizada para os estagiários.

No que diz respeito à presença masculina na educação infantil, as falas das professoras revelam uma conscientização sobre os desafios enfrentados. Embora haja resistências por parte da sociedade e das famílias, as professoras ressaltam a importância da inclusão respeitosa desses profissionais e destacam a necessidade de conscientização sobre sua relevância. Ainda há percepções arraigadas sobre os papéis de gênero na educação, mas as professoras estão cientes da importância de desafiar esses estereótipos.

O diálogo institucional e o apoio aos estagiários também são aspectos relevantes. Algumas professoras destacam a necessidade de avanços por parte do sistema educacional para promover uma maior inclusão de professores do sexo masculino, enquanto outras reconhecem o apoio considerável das instituições aos estagiários, evidenciando uma postura aberta ao diálogo que tem contribuído para reduzir os desconfortos das famílias com a presença de professores do sexo masculino na sala de aula.

Além disso, as professoras enfatizam a importância da formação contínua e da capacitação dos profissionais para atuar na educação infantil, independentemente do gênero. Elas reconhecem que a habilidade de adaptar as técnicas pedagógicas conforme as diferentes situações em sala de aula é fundamental e que essa habilidade é desenvolvida ao longo da prática profissional e da formação contínua.

Assim, as falas das docentes refletem um panorama complexo da Educação Infantil em São Francisco do Conde\BA, marcado por desafios e avanços na inclusão de estagiários do sexo masculino, na promoção de um diálogo institucional aberto e na valorização da formação contínua dos profissionais. Esses resultados apontam para a importância de políticas educacionais que promovam a diversidade de gênero, o diálogo entre universidade e escola e o desenvolvimento profissional contínuo para garantir uma Educação Infantil mais inclusiva e de qualidade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: **Vozes**, 2000.

BRASIL. **Lei n. 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso: 23 Jan. 2024.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p

BRASIL. Parecer CNE/CP nº 3/2006. Institui **Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia**, homologado MEC em 21 de fevereiro de 2006. Brasília: CNE, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12991>. Acesso: 20 Jan. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.788**, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Diário Oficial da União, Brasília, 26 set. 2008. Seção 1, p. 3. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso: 20 Jan. 2024.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999.

CARDOSO, Frederico A. Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30, 2007, Caxambu. **Anais da ANPED...**, GT 23, ANPED, 2007. Disponível em: <https://anped.org.br/biblioteca/item/homens-fora-de-lugar-identidade-de-professores-homens-na-docencia-com-criancas>. Acesso em 20 Jan. 2024.

CROCIARI, Ariane; PEREZ, Marcia Cristina Argenti. O que estamos estudando sobre gênero na educação infantil: as lacunas na formação docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, 2019, p. 1556-1568. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6993818>. Acesso: 11. Jul. 2023.

CORSINO, Patrícia. A criança de seis anos e as áreas do conhecimento. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Orgs.). **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. 2ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 57-68.

DE OLIVEIRA, Rosilane Kátia et al. Professores homens nas primeiras etapas da educação básica: Dilemas e Enfrentamentos. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 27, n. 1, 2022.

Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/8815/0>. Acesso: 21. Jul. 2023.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio... para onde vai... **Em aberto**, v. 18, n. 73, 2001.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1898.

FÁVARO, Jéssica Daniele; ROSSI, Célia Regina. “Vai ser um professor?!”: estranhamentos perante a figura do professor do sexo masculino na Educação Infantil. **Zero-a-seis**, v. 22, n. 42, p. 529-557, 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 2013.

FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GONÇALVES, Josiane Peres; CAPRISTO, Zenaide Ribeiro Neto; FERREIRA, Verônica Caroline de Matos. Professores homens na educação infantil: aceitação e receio dos familiares que vivenciam essa experiência. **Pesquisa em Foco**, São Luís, vol. 20, n. 2, 2015, p. 136-154. ISSN: 2176-0136.

GONÇALVES, Josiane Peres; DE FARIA, Adriana Horta. Representações sociais de famílias sobre a atuação de homens professores com crianças de educação infantil. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, n. 51, 2020.

GATTI, Bernadete A. **Formação de professores para a educação básica: políticas e perspectivas**. Brasília: UNESCO, 2009.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

IBGE. **Prefeitura de São Francisco do Conde**. Bahia. 2022. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/sao-francisco-do-conde/panorama>. Acesso: 03. Mai. 2024.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar brasileiro. **Annual Review of Critical Psychology**, v. 11, 2014, p. 189-204. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/320>

KISHIMOTO, Tizuco M. **O jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

KRAMER, S. **Políticas de formação de professores para a Educação Infantil**. São Paulo: Ática, 2006.

LUCINDO, Nilzilene Imaculada; RIBEIRO, Macilene Vilma G. Formação do pedagogo para atuar em espaços não escolares: percepções e perspectivas do estudante de pedagogia. **Revista@mbienteeducação**. Universidade Cidade de São Paulo, v.12, n.3, p. 105-131 set/dez 2019. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/763>. Acesso: 25. jun. 2023.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MINAYO, Maria Cecília S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*:

MINAYO, Maria Cecília S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

NONO, Maévi Anabel. Organização do Tempo e do Espaço na Educação Infantil–Pesquisas e Práticas. São Paulo. **Caderno de formação**: formação de professores educação infantil: princípios e fundamentos/Universidade Estadual Paulista, 2011, p. 1-8.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. *In*: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. et al. (Org.) **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 13-36.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. São Paulo. Editora Cortez, 2012. Capítulo 1: **Estágio**: diferentes concepções p.33-57.

PIBID, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. **Seminário** sobre Presença masculina no curso de Pedagogia e nos espaços de Educação Infantil: desafios da prática docente. Subprojeto de Pedagogia, UNILAB/Malês. 2023.

ROBLEDO-CASTRO, Carolina; AMADOR-PINEDA, Luis Hernando; NANEZ-RODRIGUEZ, José Julián. Políticas públicas e políticas educacionais para a primeira infância: desafios da formação de professores na educação infantil. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv.** 2019, vol.17, n.1, p.169-191. Disponível em: <https://doi.org/10.11600/1692715x.17110>. Acesso: 23. Ago. 2022.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260077>. Acesso: 18. Ago. 2022.

SILVA, Joice Andrade. Aprendizagens relacionadas aos estereótipos de gênero na educação infantil. **Revista Educação-UNG-Ser**, v. 12, n. 1 ESP, 2017, p. 60-73. Disponível em: <https://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/2885>. Acesso: 06 abr. 2024.